

# a Bomba

Cristiano de Carvalho (art.)

Dirigem a manipulação

Álvaro Pinto (lit.)

Fornecedor das matérias primas—Laurindo Mendes.

Séde do Laboratório—Rua d'Alcégria, 218.

Marcen de fábrica—(vulgó editor)—Carlos Gonçalves.

Fábrica; terreno de *Casto Carregal*, tr. Passos Manuel, 27.

## O PANICO

... No congresso o sr. Azevedo e Silva propõe que os ordenados dos funcionários da República não excedam 1.800.000 rs....  
*(Dos jornais)*



—Um conto e oitocentos! Mas é á miséria que esta gente quer reduzir-nos...



# A Bomba

Foi a semana última bastante pródiga em acontecimentos notáveis. O Congresso de Braga, a queda de Védriues, mais carnificina na Turquia e Marrocos, mil adultérios em Paris, novas lições de *economia doméstica* no Jardim Passos Manuel, o 1.º de máio com procição e muita dinamite a atroar a gente e, sobretudo, o assassinato de Bonot em Chóisi le Roi, chegaram para afligir um quarto da humanidade impressionável.

Congresso, carnificinas, etc. foram como era lógico que fossem e deram o resultado que era natural se esperasse. O aniquilamento de Bonot é que, no momento, nos parece mais digno de nota e observação, pelo que encerra de profundamente trágico e, ao mesmo tempo, extraordinariamente cómico.

Como bandido, Bonot era uma figura tremenda, quasi intanji-vel.

Como caçadores da fera, os detentores da autoridade tornaram-se ridículos ao máximo, selvagens em desmasia e contraditórios em si mesmos.

Antes da noite de 28, a gente de Paris e arredores tinha por Bonot o ódio irremovível que se tem por todas as pessoas que nos atingem e a quem não podemos chegar. Depois da formidável luta, em que entrou meia guarnição da capital francesa, por todo o mundo correu, com um ar de admiração pelo heroísmo do bandido, que noutras condições podia ter dado um Alexandre ou um Napoleão, aquela aura de respeito que nos não furtamos a exprimir por quem é de tal forma grandioso.

Bonot assaltava automóveis, roubava e matava. Mas tinha sempre a vida em jogo, frente a frente, com a coragem indômita do bandido que sabe o que quer. Ser-lhe ia mais fácil passar o tempo numa repartição pública ou na política, entrar de dia nos bancos e nos ministérios, adular e ser adulado. Podia com muito menos custo dar recepções galantes, ser ministro, comandar exércitos. Não o quis; não se encaminhou para essa moieza banal o seu assombroso espírito de aventura. Preferiu pôr-se em guerra com a sociedade rica, mofar e esfalfar a polícia. Sedu-

zido pela contenda feroz, com vítimas estorotando e milionários em cheque, achou mais atrante a vida errante dos assaltos e das pelegas sangrentas. E á beira da morte, no momento derradeiro em que, erivado de balas e exausto de forças, ele já poucas palavras tinha a dizer, essas foram ainda de consagração aos seus crimes e de repulsão para com a autoridade.

Confessemos que isso é grande e magestoso, pelo que representa de altíssima vontade e inquebrantável energia, como grande e magestosa foi a sua defesa contra centenas, milhares, sabemos lá se milhões de atacantes que até de explosivos se serviram para o destruir.

E concordemos tambem que se a França em vez de o trucidar lhe ha oferecido a presidência da República bem melhor serviço teria prestado a esta pobre humanidade... de bandidos.



Anda tudo depenado,  
Isto vae correndo mal,  
Poís não se apanha um real  
N'este indigente paiz...  
O povo já não suporta  
Da fome as duras cadeias!  
Seca-lhe o sangue nas veias,  
Tendo de viver a giz...

Anda tudo falho ao naipe,  
Tudo a tenir, sem dinheiro:  
Não ha massa p'ra o barbeiro  
Não ha cheta p'ra tabaco...  
Nunca vi tesura equal!  
Nas bolsas o cotão cresce!  
Nem uma e róa aparece  
P'ra tapar qualquer buraco...

Quer um homem ás despesas  
Ocorrer honradamente;  
Quer viver limpo e decente  
Sem provar do *crêto* o fel.  
Mas atroz desilusão  
Se lhe depara de pronto!  
— Fica doido, fica tonto  
Poís não vê nem um *papel*!...

O bacalhau — stá mais caro  
Na locandeira ou na praça!  
A batata — uma desgraça!  
O assucar — é só farinha!  
Não se compra um par de botas  
Nem uma *farfela* nova!  
E dos impostos a escova  
Não nos deixa p'ra sardinha!...

A fome invade os casebres  
Sem poupar seja quem fór!  
Já não ha o menor valor  
Em casa de gente rica!  
— E se *A Bomba* não nos salva  
De tamanha desgraça,  
Ai! assim, d'esta maneira  
Em breve damos á *estrela*!...

CLORATO.



Aquele sr. João de Barros, ex-algebra triunfante, ex-turbulário e vice-versa doutro tal sr. Sousa Pinto, todo se anda carpindo por lhe não chegam á sófrega boea a teta do ministério da instrução. O quasi ex-deputado já não se contenta com a primária. Quer ministério ou... continua a chorar.

— Tristes tristezas, não ha como as do sr. João Grave, por lhe ter faltado a tuba de ida e volta do *Diário da Tarde*. Soprava nos outros e ele é que inchava. A última perfeição no reclamo.

O pobrezinho do *Broges* martirizou os hipógrafos com outro livrelho. Se Gutenberg soubesse no que vinha a dar o fruto das suas mortificações, bem se houvera recatado.

A Poieira do Passado vai crismar-se de Lamentações dum pateta. Foi o próprio pó das ruas que suppliou a substituição.



Final parece que o tal Fortes não toma de assalto o ministério da instrução. Fala-se muito em que o substituirá o escolto sr. Machado Santos. A ver se ao menos aprende a ler.

Para a instrução secundária não ha dúvida que entra o sr. Pimenta de Castro.

— E para a primária o sr. major Coelho.

— Que tudo isto é para se fazer a verdadeira instrução militar que hoje convém ás grandes potências...

— Depois, os directores dos diferentes estabelecimentos serão sargentos e os professores... cabos de esquadra.

— Para a policia irão os mestres em disponibilidade.

— Os reitores dos dois liceus do Porto estão no firme propósito de não fazerem mais disparates... um que o outro.

— O sr. Zé Arróio deixou-se de beber ácido clorídrico em limonada. Olhem que já é!...

— O sr. Ferreira da Silva tambem já não quer que o ácido sulfúrico tenha um cheiro *sui generis*. Agora quer que tenha um perfume a carta de conselho rasgada.

— O sr. Dias de Almeida apareceu com mais um andar na testa. E' a sciência a pedir novos aposentos.

— O sr. Aguiar garante a toda a gente, sob palavra de lente, que não tornará a assistir a nenhum espectáculo por-



nográfico no cine de Passos Manuel. Foi só por ocasião do Congresso.

Consta-nos, no entanto, que a comissão organizadora do referido bródio têm chegado imensos pedidos de senhoras casadas para a scena se repetir.

Tudo, pois, leva a crer que, se insistirem muito, vai *reprisè*. «A Bomba» cá está!...

## PÓLVORA AVULSA

Dum mui respeitável vereador da excoelentíssima Câmara municipal recebemos a seguinte carta:

Senhor director de *A Bomba*: Eu peço-lhe, por mim e pela minha cadeira de edil, que declare na sua gazeta que não sou nada patarata, mesmo absolutamente nada. Eu entrei para aquela casa, como podia ir para um hospício de entevados. Diziam-me que se dormia lá bem e o que eu quero é dormir, com os olhos abertos, com os olhos fechados, mas dormir sempre. Que me importam a mim as ruas do Porto, as cruzes dos candieiros, as lanternas dos cemitérios, a má iluminação, o mau serviço da Carris, a indelicadeza das chieias, o perigo dos terramotos ou o estampido das bombas? Que me importa a mim que o Cristo volte para o Repouso, que os novos electricos sejam de cimento, que a Câmara mude para S. Cosme ou que o velho Portugal, cansado de estar ao vento na frontaria dos Paços do Concelho, desça do seu poiso e venha sentar-se na presidência? — O que eu quero é que me deixem. E você e o público é que são uns pataratas por julgarem que eu estou aqui para fazer alguma coisa. Quanto menos me matar mais ganho e os tempos não vão para ... prodigalidades.

Cá de casa não se acresenta nada nem se diz o autor da missiva. Toda a gente já viu quem seja.

## Sôbre o Congresso

Da *Luta* chama o telefone para *A República*. Da *República* responde o telefone para a *Luta*.

Está?

Está? Quem fala? O dr. António José está?

Sou eu mesmo. E' você ó Camacho?

Sou. Você já viu aquela choldra do Congresso a falar no velho partido republicano?

E' verdade. E com que descaramento!

Mas que lhe parece? Escuceámos ou quê?

Não, o melhor é deixá-los lá e esquecermos o mau passado. Eu dou-me optimamente com os restos da monarquia e não quero outra coisa.

Diz você muito bem. A gente precisa de ser chefe e o que tem de ser tem muita força. Adeus e não se esqueça de aniquilar o Afonso; eu cá me encarrego do Bernardino.

Sim, e quanto ao velho partido não falemos mais em tal. Até já causa engulhos semelhante arcaísmo... O que a gente precisa é de *evolucioanar*...

## Estilhaços

### Diálogo profundo

A meio da R. 31 de Janeiro, encontra-se um almeidista com um camachista. Cerimonioso aperto de mãos, o cumprimento do estilo, e o primeiro suspira para o segundo:

— E nós, nós o que fazemos?

— Sei lá, volte o segundo. Se ao menos o exército estivesse do nosso lado...

— Ou a marinha...

— Ou mesmo a Companhia de Jesus...

Assim, talvez não fosse mau *aderir*. O Almeida não é ministro; O Camacho também não. E certamente tarde o voltam a ser. O Afonso tem a maioria. Não há dúvida. O melhor é *aderir*.

Mas o Grupo Democrático acabou.

Qual acabou! Deixou de chamar-se tio para se chamar irmão do pai.

Nesse caso, vamos lá. Nós para filhos de *tios* devemos estar na conta... E viva a sacratíssima barriguinha!

## Perussão de ler

A imprensa burguesa tem-nos envolvido no melhor dos seus silêncios. Fazes bem, obsceca matrona, para não teres depois que te desdizer. O que cá temos no *dossier* deve agradar-te pouco...

—No *Noticias* é o Artur que não deixa. Ele manda e preto obedece. E aí de aquele...

—Os nossos amigos socialistas não podiam ter metido o dinheirinho dos malditos estouros dinamiteiros com que ensurdeceram meio Porto numa caixa-nha de resistência?

—Parece-nos que as modernas ideias sociológicas se não impingem a incomodar os outros. Ou essa é que é a última expressão de liberdade e a melhor maneira de festejar reivindicações?

—Dizia um da seita: «E' para atordoar o burguês». Triste consolo: — atordoá-lo um dia para lhe sentir as garras em 364!...

—Os espectros dos homens bons da famosa Liga pensam em dar no outro mundo o célebre banquete que o sr. Vitorino Coimbra nunca chegou a fazer papar ao heroi da Casconha. Servir-se-ha água do Letes para esquecer tristuras.

—Ainda os sucialeiros anunciam para o próximo 1.º de maio nada mais e nada menos

—ninguem desmaie— que a implantação da Comuna em Portugal. São levados do diabo os rapazotes...

E. é claro têm já quasi tudo de que necessitam: braços, pernas, tronco etc. Só lhes falta alguém de juizo e senso que os convença a meterem a viola no saco, para não andarem exibindo o ridículo fado em que caíram.

—Um desengraçado anónimo dirige-nos botocuda carta sobre os pés compridos dum certo cavalheiro. Ora, não quererá dizer-nos, illustre desconhecido, o que temos nós com que o cavalheiro haja nascido de pé redondo?...

## Rastilho dos Teatros

O Jardim Passos Manuel, segundo nos consta, vai fechar para obras importantes. Vai ser pintado o mastro! O público deve recordar-se que pelo *mesmo motivo* não abriu na 5.ª e 6.ª feira santa! *A Bomba* pede licença para dizer que não acredita, pois conhece-os de *gingeira*. As obras foram empenhos das *canastras*. Vá, senhores! Tenham franqueza porque toda a gente já sabe quem são! *Vulcanos Dios!*

—No Carlos Alberto dão-se alycaras a quem entregar o *Arrojado sindicalista*, que ha dias desapareceu. Não levou consigo pedaço algum de corrente como qualquer papagaio ou fainito raferio, mas parte do virus pulhstra, no que é prodigo. Dá pelo nome de *Cretino* e trabalha á fala. Embora não seja preciso réde para o caçar, são necessários todos os cuidados por causa da peconha!

—No Circo de Variedades vai entrar (?) novamente para a berlinda um conhecido autor de mágicas, plagiador de fitas de cinematógrafo! Mas faltamos revelar o melhor. O famigerado autor, que também arma em critico teatral, não encontram quem quizesse fazer música para a sua peça. Que grande peen... lhe pregaram! Peça sua Ex.ª no Rahneta que, com certeza, de bom grado, se prontificará a ser seu colaborador. Assim, peça e música agradarão em cheio!

A última hora chega-nos aos ouvidos que a Empresa Secundo Calderino fecha as suas portas no dia 15 para fazer nova remonta de artistas! Os nossos aplausos antecipados.

—O António de Castro resolveu, para imitar o seu colega Figueiró, transformar o *Sá da Bandeira* em *Cosinha Economica!* *A Bomba* pugnando pró-moralidade chama a especial atenção dos papás.

Somos de opinião que as meninas aprendam os serviços domésticos, mas não nos cinematógrafos. Os da parécia continuam repontando.

—O Figueiró está mais gordo! A mama alimenta-o bem e... pouco trabalha em casa. S. Camilo foi seu protector a valer.

Afirmam-nos que anda de cana em punho para ver se pesca qualquer campulinha.

ALGODÃO PÓLVORA.



# PRO REGE! PRO PATRIA!



—Vai tu vendo: armas *belgas*, conduzidas em *barco alemão* com *bandeira inglesa*, destinadas a conspiradores *portugueses* patrocinados pelos *espanhoes*...  
—Que *salsada* é essa?  
—Trata-se dum movimento *patriótico*!...





Aos nossos colegas do Tira-Olhos — uma forte mãozada pela referência amável, e saudações por, no mesmo dia, comosmo se encontrarem na charge ao inspector Rómulo. É bem certo que les grands esprits se rencontrent...



Arte e música

Vão péssimos os tempos para a conhecida arte dos Mestres Talma, Noveli e outros Alves da Silva. Por mais que um actor Oliveira cuspa graça, o público canalizou-se para os cines e não ha maneira de o fazer entrar na ordem, seja ela embora celestial do Carmo.

Mal sobe o pano, vêm para a plateia fazer número todos os empregados do palco, desde a varredeira ao homem que no terceiro acto faz o mar encapelado com os mais artísticos coices que Deus ao mundo botou. Tem, assim, o empregário a illusão de que ha espectadores e a própria *claque* se sente chapau alto nos finais de acto.

E quando, de dez em dez dias, um cavalheiro se aproxima da bilheteira e pede uma geral em particular, é como se uma bomba rebentasse. Peio telefone é imediatamente prevenido o empregário, que não morre com qualquer congestão para não deixar a viuva na

orfanidade. O ditoso espectador, recebido com explosões de amabilidades pelo camaroteiro, vai até á porta das cadeiras acompanhado por todos os artistas e comparsas disponíveis, tropeça no empregário que lhe pinga um penhoradíssimo ósculo na primeira escrófula que encontra á mão na cara, para ir, em seguida, cair nos braços trémulos do arrumadôr que lhe indica o logar com a voz cotada em pedacinhos.

Com a entrada do homem, deliram os artistas no palco. Os *habitués* da caixa enviam pelo primeiro correio cartões de parabens á empreza feliz. As coristas engatilham um sorriso de dia de pagamento e o próprio ponto sai da concha para vêr o extraordinário bípede que teve a gentileza de não entrar de *borla*.

Ora, aqui p'ra nós que ninguem nos ouve, qual será a forma prática de fazer voltar ao redil o Respeitável tresmalhado? Eis a questão.

Arrepelam-se as emprezas, gemem autores inocentinhos, cacareja a galinha no Camaroteiro, — e nem uma ideia, e nem uma táboa de salvação a não sêr as do palco, já carcomidas pelo infortúnio e pelos mimo-

so sapatos ferrados da *ingénua*.

Chegou-se a isto; Uma *prémie* tendo na plateia dez pessoas e um fiscal do sêlo é uma casa á cunha de confiança. Se o empregário conta até quinze, faz-se de tal maneira azul e branco, que até parece um republicano histórico evolucionista...

Temos de nos curvar perante a lógica dos factos, como diria o Conselheiro Acácio e na falta d'ele o António de Lemos, conceituado poeta e inspirado farmacéutico. O público quer estar apenas uma hora no teatro. O público não quer espectáculos grandes, — e não será rematada tolice dar-lh'os todas as noites compridos, quando ele pede curtos como qualquer boi caraça que se préza?

GIRÁNDOLA.

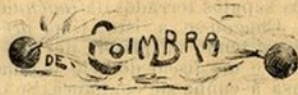
— Dão-se nesta redacção boas alviçaras a quem nos informar sobre as inclinações partidárias do sr. Ferreira Gonçalves. Liga, une, evolucionia, camacheia, democratiza, sim, não, ou antes pelo contrário?

— Tambem se gratifica bem a quem nos informar dos altos mistérios que nestes últimos dias se têm ventilado no *mentidoro* da rua Sá da Bandeira.



— Se apanho *quaisquer* cidadão a desagnar na via pública, ferro-lhe uma contravenção no acto do conflito...





Uma carta de Coimbra todas as semanas? ...

Quasi impossível. Sabido como é que de Coimbra só saem cartas a pedir dinheiro é quasi descorável impor-me o escrever de Coimbra, todas as semanas, uma carta a fornecer notícias.

Coimbra não dá motivos a um jornal como a Bomba.

A Coimbra escolar? Está rasa, está uniforme.

Os lentes integraram-se no século e ursos já não existem. De facto, os ursos — esses mamíferos da família dos lentes — aproximaram-se mais de nós na sua mudança zoológica; cresceu-lhes a misantropia e as orelhas e hoje chamam-se: burros. Como deixaram de ser ursos já não dançam. Quer dizer: acobor o baile dos ursos. Mas como burros possuem uma voz sonora e respeitável. E aqui está talvez o segredo do aparecimento dos notáveis oradores que ultimamente têm infestado a paciência pública.

A Coimbra futura? Pior. Que ha, então? A Coimbra literária.

Os moços literatos das minhas relações têm todos um imenso talento, mas não dão para uma carta semanal.

São duma reduzida fecundidade, procurados na expressão, difíceis d'ingerir, d'um preciosismo místico e sobretudo, o que neles me fascina é a talentosa maneira como eles impõem a sua tolice á pública admiração.



## As proezas dum Seixo

*De como o autor desta redida história, por motivos de limpeza, põe ao sol a origem e manhas de um famoso Seixo, cujas proezas ao adiante se verão.*

### CAPITULO I

Da forma como o calhau appareceu no meio de gente.

I

Foi já ha bastantes anos que no monte Fedral, ao fim duma escavação noturna que para sempre ficará famosa, surgiu e começou a immortalizar-se o nosso Seixo.

Tinhão ido tres robustos lavradores de S. Cosme buscar cascalho para entupir uma fossa da R. de Cedofeita e estavam quasi a retirar-se quando um calhau mais duro, luzidio e untuoso, tinniu ao som da enxada.

Olharam, viram a pedra e pegaram-lhe. O espanto entrou-lhes na alma. O raio do seixo apresentava umas linhas que davam a figura duma cara, e muito assombro causou embora a chateza da parte correspondente á testa e as depressões angulares do sítio onde

O que os senhores não sabem, porém, é que estamos em face d'uma geração que possui, como nenhuma outra, a linha estética que o génio costuma esculpir na máscara dos seus elitos.

Ah! meus amigos, os narizes, pelo menos. Narizes que Rembrandt debruçaria sobre os cadáveres da sua lição da anatomia, narizes que Anatole invejaria para o seu Bonard, narizes de raça e narizes de voz, narizes que dariam poemas a Bocage, narizes que dariam uma gloriosa satisfação ao generalissimo Molke e um reverendissimo goso ao reverendissimo Sebastião.

Na elegância... ha talvez um excesso de polainas.

Mas... que diabo, é justo que os meus literatos não sabendo onde porão amanhã as mãos possam hoje, ao menos, agasalhar bem os pés.

De resto, rasteiro investigador d'emoções artisticas permito-me procurar todos os generos da sua literatura. Ai de mim!

Desejaria mesmo que o meu espirito, falho d'originalidade e de fecundidade, vivesse pela obra d'alguns dos novos, segundo um ritmo que anseia e não encontra.

Mas qual? Apertar-lhes as mãos é viver toda a sua obra.

Mas vem aí a récita dos quintanistas e a academia, por certo, irá dar-nos alguma coisa do seu talento e da sua graça.

A peça, supponho, está ensaiada. E segundo informação d'um amigo, o último acto encerra a scena mais violenta do teatro contemporaneo. Segundo as mesmas informações parece que a scena é pouco mais ou menos

localizaram a cabeça, indicasse similar-se ela á de creatura muito inferior a gorilla ou chimpanzé.

Deram a tarefa por concluida, foram entulhar a cloaca e abalaram-se para a terra congeminada sobre o achado.

—Que dianho de figura esta! dizia um; se calhar são artes do diabo, que se quer advertir com a gente.

—Não vou p'rá ai, aventa o segundo, isso deve ser a semente de algum animal doutro mundo, que nós não conhecemos. E o melhor era deixar a pedra enterrada, não vá desencadear alguma peste.

—Como vós vos enganais, intervém o terceiro! Então nunca ouvistes dizer que d'antes as pedras falavam? Pois se falavam deviam ter figura humana. Esse bloco tem figura, logo falava. E se falava, inda pode tornar a falar. Deixai-m'a levar p'ra minha casa, que depois vos direi.

Concordaram em dar-lhe o seixo e resolveram-se a esperar que ele desse de si.

II

A casita do último lavrador, o bom João da Grade, era formada por tres simples compartimentos: um com a cozinha e mesa de comer; outro com tres enxergas para ele, mulher, uma filha e quatro catrões; e o terceiro para os bois, carro, porcos, galinhas e patos. De todos se divisavam as estrelas pelo tecto e a rua por velhos postigos que o fumo dos toros de pinheiro queimados na lareira já não deixava ver se seriam de pau santo ou pinho vulgar.

Na noite celebre da escavação, o luar banhava brandamente com seus lácteos raios o interior da pobre choça.

isto; um estudante apaixonasse por uma triana, mas essa triana estava apaixonada por outro estudante, de forma que este desafia aquele, aquele, que neste caso já é este, arremete contra a triana, a triana chama o outro estudante, mas o outro estudante já tem sido levado por outros estudantes que o autor tenciona embebedar para maior efeito dramático. Ha ainda umas falas d'um estudante sobre o estudante que se apaixonou pela triana e um choro da triana pelo estudante que não era o estudante que a queria. E disse: O pano vai caindo, lentamente, enquanto lá ao longe o Chico Menano vai gemendo o fado na guitarra, tristemente, irremediavelmente!...

Que coisa! Atabalhoado como vai e escrita d'um fôlego, esta curta deseja apenas afirmar aos leitores da Bomba que, se nos for possível, todas as semanas diremos cá de Coimbra qualquer coisa que os divirta e me despoje. E de Coimbra, por hoje, nada mais.

PICRATO.



E vivam as ricas pensões!!!

A mãe deixára as janelas abertas e por elas entrava em fitas a terna e silenciosa luz da noite. Numa paz recolhida de sonho contente, dormia toda a filha-rada, meio descoberta e quasi nua. Mas, não deixou o destino que tal fortuna durasse por muito tempo. Entre um suspiro casto da filha, que já andava pelos dezoito e estava certamente sonhando com o seu Joaquim, e o resfolegar caçado da mãe, a quem os 50 anos iam dando certa volheice, um ruído impetuoso se sente em casa. E' o pai que chega e, ao contrario do costume, fecha a porta com ruído. Acorda a familia toda; a mãe põe-se a pé, os filhos perguntam pelo que seja, os patos grassam, as galinhas cacarejam, os porcos roncam e o pai socega a todos dizendo que é ele e que traz um grande achado. Nem mais nem menos que uma pedra das que falaram no principio do mundo.

Todos querem ver, apalpar, tomar o peso e cheirar o estranho fenómeno. E todos pedem tambem ao pai que faça falar o precioso calhau. A rapariga, que na pia baptismal bebeu o fatal nome de Maria, pergunta-lhe logo se conhece o seu Joaquim; o petiz mais novo interroga-o sobre se gosta de cerejas. O calhau, porém, faz-se rogado e queda-se mudo.

O pai explica que só no dia seguinte se lhe puxará pela lingua, e manda que se deem enquanto ele vai arranjar poiso para o seixo.

Havia na casa, em cima duma mesa de castanho, uma redoma com o indispensável Cristo. Tirou de lá o crucificado e poz a pedra. E estendeu-se na enxerga da mulher a descançar um bocadinho os ossos.

(Continúa.)





Esta noite eu preparava-me para ouvir da boca de Lúcio as mais leves, saborosas palavras sobre o caldo dos pobres no Parlamento. O meu Lúcio, como todos os vagabundos da ideia, inveja o método: e desde que atingiu a celebridade oracular, que neste momento o indigita para uma grave embaixada, deliberou consagrar um dia a cada ramo da vida nacional, — o que o crítico desdenha: a borda de água metafísico.

Lúcio sobraçava à porta da Brasileira o sobretudo de viagem. Partia. A grande feira de Santarem abria pela mais tremenda e ruidosa espera de toiros que o espírito de Lúcio jamais imaginara colorir. Já ele se via numa distante olimpíada, a um sol ardente iluminada, com vermelhos santares e míseros bárbaros do povo.

Lúcio vai à festa da força e da córa. O seu entusiasmo promete-me no regresso gestos dum galbo antigo e traços ditos a um ritmo supremo. E só então os meus leitores de novo gostarão o espírito do Mestre.

Seguimos para a estação. Um comboio de Cimbra entrava na gare, num bocejo vagaroso. Carregadores atravessavam arrastando carretas. Um guarda à porta verificava bilhetes. Brandindo cair de crepúsculo, num macio quebra-luz. E, com o abraço de despedida, Lúcio me disse assim:

Sabe você o que isto é?  
Espera! o espírito de Lúcio: perante o Mestre fui sempre receoso nas imagens.

Tracei com a mão a curva nobre dos nobres corpos das filhas de Sédan:  
— Um estúpido carvão do Goya.

Á. DE A.



Já viram o olhar dum cego? Já ouviram a fala dum surdo-mudo? Já leram a prosa dum analfabeto? — Vão ali ao Janeiro, perguntem pelo sr. Joaquim Costa e admirem o fenómeno. Ele não vê coisa nenhuma adiante do nariz e... olha para tudo. Ele não ouve nada do que se diz pelo mundo e... fala de todas as coisas. Ele nunca aprendeu a ler e... garatuja sobre quanto lhe sobe a cabeça. Um autêntico fenómeno e... de graça.

— Querem mais? O Anibal de Moraes? Umas ou outras vezes? O Ernesto de Menezes? Como quer que seja? O Bento Carqueja? De noite e de dia? O Sá d'Albergaria? Olhando só aos fins? O Sousa Martins? De inferior craveira? O Acácio Pereira? — E' só escolher.

— Sempre é certo que a *Montanha* «começa a imprimir-se em máquina nova», ficando muito melhorada depois dos melhoramentos feitos, um dos quais consiste em pagar a todo o pessoal no fim de cada mês.

— O mesmo jornal está absolutamente resolvido a pôr em pratos limpos a questão da propriedade. Andam para aí a dizer que ele não é duns tres ou quatro proprietários que últimamente se arvoraram em *domos* de aquilo, mas a castanha rebenatará. Porque até se vai provar que tem havido assembleias gerais, prestação de contas, acções legalizadas, empresa registada, etc., etc. E está tanta gente na cadeia por muito menos... calúnias!...



Ainda não chegou à Câmara a notícia de que ha mais dum mês esborrachou o focinho, após uma grande bebedeira, o marco postal da esquina de Fernandes Tomás para Santa Catarina, ficando falecido por terra sem que ninguém lhe verificasse o óbito. Vão-se expedir telegramas.

— Dizem-nos que o saneamento foi parar ao praso da *cedula*, Ponham-no, ao menos, em leilão.

— A Liga, mesmo depois de morta, ainda trata de artigos e parágrafos. É o que se chama fazer das tripas coração...

— Resmunga-se novamente que a incursão está prestes, por vários pontos cardiais e com milhões de conspiradores. Só não se sabe dizer onde é que eles entram...



Os mortos também ... fumam



### Charadas adicionadas

Folha-2  
gar -  
Animal-3

### Charadas aumentativas

Animal-2 Patusco-2

### Charadas em frase

Alimenta-te algum tempo com divertimentos-2-2

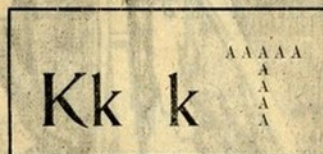
### Charadas diminutivas

Mancha-2 Animal-3

### Charadas sexuais

Ele jogar e ela naco-2-2

### Enigma tipográfico



### Combinadas

- 1.º + go — prisão
- 2.º + no — cume
- 3.º + no — bom deus mitológico

### Maçada geográfica

Formar um nome d'uma terra portuguesa com as letras das seguintes palavras:

CANHAMO EM DICÃO

### Decifrações do n.º 2

Charadas adicionadas: junta. Charadas aumentativas: coto, cotão. Charadas diminutivas: mesa, mesinha. Charadas sexuais: marco, marca. Charadas em frase: lagosta. Enigma tipográfico: tresvarios. Maçada geográfica: Oliveira de Azemeis. Logogrifo em triângulo: Álvaro, loiro, Vigo, aro, rã, o.

TRIC-TRAC.



## A MORAL DA CONQUISTÀ



VICTOR MANUEL II aos soldados:

— E sobretudo não vos esqueçais de que com a metralha das vossas armas, entrará na cabeça d'esses bárbaros a ideia luminosa da civilização e do progresso!...